



## A PRESENÇA DE MEFISTÓFELES EM DEUS LHE PAGUE

Valdinei Soares de Oliveira

A peça **Deus lhe Pague** de Joracy Camargo constitui um momento importante do teatro brasileiro, sendo considerada a obra que inicia a fase moderna de nosso teatro.

A peça causou polêmica, desde o início, devido ao seu aparente caráter de crítica social. Sabe-se que as autoridades sempre viram a peça com suspeição, devido ao discurso socialista do protagonista. Este discurso é realmente significativo e domina parte da cena, levando a crer que se trata de uma peça de crítica social.

É possível que diante da situação de repressão política que volta e meia assola o país, o autor tenha procurado externar suas opiniões através da figura do protagonista. Mas este artifício, no

entanto, acabou por encobrir a real significação da peça, a de que se trata de uma obra de caráter metafísico.

É pela compreensão do estatuto ontológico do protagonista que a peça se revela como uma das grandes obras da tradição mefistofélica.

Uma outra dificuldade é estabelecer um nome para o protagonista. Joracy Camargo não dá a personagem um nome próprio. A palavra mendigo é um substantivo comum, designando uma atividade social. O nome de Juca, que o próprio protagonista se dá, ao contar sua vida como operário, não é adequado. Este nome próprio diz respeito a uma fase da vida da personagem, não sendo mais utilizado em nenhum outro momento da peça. Optei pela expressão de mendigo Mefisto para designar a personagem.

A palavra que nomeia o demônio intelectual de Goethe é Mefistófeles. Optei por sua redução, Mefisto, que também é usada pelo tradutor do Fausto, na versão consultada, a do paraense Sílvio Meira.

A peça se inicia com o encontro, na porta de uma igreja, entre dois mendigos. Algo que parece ser um encontro banal entre pessoas que praticam a mesma atividade, revela-se o início de uma história que tem como protagonista o próprio Mefisto.

Mas nada ainda, neste princípio, possibilita perceber o estatuto ontológico do protagonista. Somente o seu discurso, muito sofisticado, destoa da ideia que se tem de um mendigo. Mas já se tem uma primeira revelação do caráter da personagem, isto é, a sua impostura. Ele é um mendigo milionário.

Sua lábia levou a crítica a analisá-lo por esta retórica socialista, mas que, mais do que se propor a denunciar uma situação de injustiça, visa espalhar a discórdia. O protagonista da história, por sua configuração fundamental, jamais estaria preocupado com questões sociais.

Ao se acompanhar este discurso com cuidado, se passa a compreender a fundamentação da personagem. O diálogo inicial com o seu colega de atividade é revelador de seu caráter. Ao ser questionado sobre a origem dos charutos que oferece, e que poderiam ter sido roubados, responde “*Foram comprados. Ainda não sou ladrão...*”. Ele demonstra, no entanto, que roubar não constitui um problema ético “*Não sou ladrão, mas podia sê-lo. É um direito que me assiste*”. Sua independência quanto ao código moral torna-se claro.

Declara a seguir que, a roubar, prefere trabalhar, embora isto nem sempre seja possível. Sua opção pela mendicância é de ordem prática: dá menos trabalho do que qualquer outra atividade.

Para justificar esta opção ele inicia um discurso que visa impressionar pela erudição. É um discurso provocativo para a censura da época, por ser revolucionário, questionando as bases do

sistema capitalista, tendo como fundamento uma frase famosa do socialista Proudhon, que afirmava que toda propriedade é um roubo “*Depois que um pequeno grupo dividiu tudo entre si, é que se fizeram os Códigos*”. Mas a pergunta do outro mendigo se pretendia reformar o mundo, ele responde “*Tinha pensado nisso, mas depois compreendi que a humanidade não precisa de meu sacrifício*”. A personagem começa a revelar sua outra face, a verdadeira. Ele pode conhecer muito bem as causas que provocam a desigualdade no mundo, mas seu conhecimento serve apenas para o exercício da eloquência.

Seu discurso muda, repentinamente de rumo, após esta introdução de agitador social. Ele possui um outro motivo para exercer a mendicância: constatou que procurar mudar o mundo poderia custar-lhe caro, enquanto que o exercício da mendicância é algo relativamente indolor e possui, além disso, uma função social e espiritual. A caridade alivia as pessoas de seu sentimento de culpa, além de ajudá-las a alimentar a ilusão de que ajudando os pobres estão ajudando a si mesmas.

Seu discurso revela um certo conhecimento de filosofia. Ele mistura Marx, Proudhon, Kant e por aí vai. Ao comentar porque as pessoas dão esmolas, ele adentra uma questão analisada por Kant, em que um ato bom só é eticamente válido se for feito com absoluto desinteresse pelo praticante. Se você ajuda o próximo esperando uma recompensa, está apenas realizando um negócio. O homem de boa vontade ajuda o próximo porque julga que assim deve ser, não porque espere recompensa, ou sequer agradecimento.

O mendigo protagonista aborda a questão: “*Quando eles dizem: Quem dá aos pobres, empresta a Deus... Não há generosidade na esmola: há interesse*”. A mendicância serve como uma válvula de escape “*Os pecadores dão para aliviar seus pecados; os sofredores, para merecer as graças de Deus*”. Tudo não passa de uma prática hipócrita. Ele, no entanto, resolveu explorar este filão de falsa generosidade.

Mas ele tem sua própria teoria do que seja um ato de generosidade “*O sacrifício é que redime. Esmola não é sacrifício! É sobra. É resto*”. Mas é na frase seguinte que ele revela mais alguma coisa de seu caráter, quando indagado se é contra a esmola “*Sou a meu favor e contra os outros*”. Este mendigo nunca se propôs a modificar nada. Sua declaração é uma demonstração de egoísmo que beira a psicopatia. Seu discurso social foi feito apenas para incomodar e ele é muito parecido com aqueles que costuma criticar, ou algo pior, como veremos adiante.

O mendigo milionário possui uma técnica a ensinar a seu colega de profissão, que ainda adotava um método antigo de pedir esmola: “*Uma esmola pelo amor de Deus!..*”. Nosso mendigo exerce a atividade com mais profissionalismo. Assim como existem estes cursos de atualização, os mendigos precisam estar sintonizados com o seu tempo, caso não queiram amargar um fracasso



maior do que já possuem. Por isso ele aconselha ao colega “*Isso é passadismo!.. Ninguém mais ouve esse pedido. Deus é uma palavra sem expressão*”. Os novos tempos exigiam que se falasse em fome, mais impressionante do que a palavra Deus.

Como toda atividade, a mendicância dispõe daqueles que possuem uma real vocação. O mendigo de porta de igreja exerce o seu ofício com competência. Não é à toa que se tornou milionário. Possuía até mesmo um secretário que investigava quais eram as igrejas, os dias e as missas que apresentavam melhores rendimentos.

Sua organização começa a interessar o outro mendigo que declara “*Sinto que vou melhorar a minha vida!*”. Um dos objetivos do mendigo milionário, que era cativar o colega pela sua eficiência em conduzir a própria vida, começa a surtir efeito. Ele possui uma necessidade visceral por seguidores. Daí a dedicação em seduzir o outro. “*Vá por mim...*”. Quando o outro deslumbrado pela eficiência do colega indaga se nasceu mendigo, ele diz “*Não. Nasci trabalhador! Lutei muito pela vida! Luta desigual! Eu era um pobre operário, com a cabeça cheia de sonhos...Cheguei às portas da fortuna e não pude entrar, porque me bateram com as portas na cara!*”.

Esta história de um passado triste, de um operário trabalhador, honesto, ludibriado por um capitalista inescrupuloso pode nem sequer ter acontecido, e ser a invenção deste homem, cuja característica mais acentuada é a impostura.

Nesta cena em que o mendigo retorna 25 anos atrás em sua vida, encontramos três personagens a dominar a cena: uma é sua mulher, Maria, personagem infantilizada, próxima da debilidade mental por sua ingenuidade. Torna-se presa fácil do inescrupuloso patrão de seu marido, o operário Juca, que vem a ser o nosso mendigo milionário.

Este capitalista, designado apenas como senhor, também possui um comportamento Mefistofélico, pelo que arma contra seu subordinado (pois além de roubá-lo, consegue fazê-lo ser preso por este roubo).

Sua ação perniciososa consiste em se apossar do invento do operário Juca, uma máquina que seria capaz de realizar o trabalho de cem operários. O que conta aqui é a forma como age, prometendo mundos e fundos a sua vítima, Maria, e com isso alcançando seus objetivos. Como um Mefisto, ele promete as suas vítimas riqueza e bonança. Ao fim da cena nós temos Juca sendo detido por roubo, após tentar recuperar, na rua, de seu patrão, a planta de seu invento e sendo posteriormente condenado à prisão como assaltante. Sua mulher, Maria, enlouquece.

Assim, o mendigo possui um passado triste, que justifica que se tenha tornado o que é, uma pessoa egoísta, pífida, a cobrar da sociedade a dívida que julga que esta tenha para com ele. Mas,

como veremos adiante, ele não é uma pessoa em quem se possa confiar. Em Mefisto não se pode acreditar nem quando ele fala a verdade.

Quando seu interlocutor pergunta se sofreu muito, responde “*Durante um ano. Depois compreendi que a vida é uma sucessão de acontecimentos inevitáveis... Como a chuva, o vento, o dia e a noite*”. Torna-se, com isto, um estoico. Aprende a suportar as adversidades da vida “*Pois as desgraças são também inevitáveis*”.

Mas é interessante o que declara a seguir, quando questionado de que “*Mas, viver não é nascer, nem morrer...*” tão somente. Não é o que ele pensa “*Não. Viver é raciocinar, e o raciocínio é o supremo bem da vida. Quem raciocina não sofre... pelo raciocínio, sabemos o fim de todas as coisas. A sociedade vai sofrer, porque não raciocina*”.

Aqui começa a se manifestar uma característica do discurso mefistofélico por excelência. O que foi que perdeu o Fausto do Goethe? O desejo de tudo saber. Esta valorização do pensamento é próprio do demônio mefistofélico “*Para Goethe, é o símbolo do demônio intelectual que dá ao homem a ilusão de tudo compreender e dominar*”.

O mendigo milionário pretende livrar suas vítimas de toda ilusão, de todo desejo de algo além desta vida, quer prendê-los neste mundo pois “*Amor, ódio, saudade, egoísmo, honra, caráter e a própria caridade, da qual vivemos, são fantasias que andam por aí, dificultando a vida, quando a vida é tão simples. Viver é só respirar, comer, beber e dormir*”. Mefisto começa a revelar sua face “*É por isso que eu abandonei a vida... essa vida complicada pelos outros. Vivo à margem. Sou espectador do sofrimento humano, e deixo que os homens lutem para livrar-se dos seus próprios erros*”.

Ele se situa fora da humanidade, se refere aos homens como se não pertencesse a espécie. Diz que é espectador do sofrimento humano, como se não sofresse também e “*Deixo que os homens lutem para livrar-se dos seus próprios erros*” como se ele próprio não cometesse erros. Ele se julga além do humano.

Agora que já conseguiu cativar o outro mendigo com sua lábia, ele irá se propor como o mentor de seu interlocutor, o que foi sempre o seu objetivo: “*De hoje em diante ficará sob minha proteção*”. Quando o outro agradece sua generosidade ele é peremptório “*Não agradeça. O que exijo é absoluta obediência, para que eu não sofra a mesma desilusão que tive com o meu último protegido*”. Demonstra que sempre se propõe como mentor daqueles de quem se aproxima. O seu último protegido escapou de sua influência, tornando-se funcionário público, o paraíso dos nossos barnabés. Sua decepção foi grande.

Quando questionado de que aprecie ficar pelas ruas, possuindo o conforto de que dispõe em casa, devido a sua riqueza, sua resposta é significativa “*O conforto anda sempre comigo....(Batendo na testa) - Está aqui!*”. Seu mundo, ele o carrega consigo, não está nos bens materiais, mas naqueles que ele vai arrebanhando como seus discípulos. Daí o gosto pela conversa, o diálogo interminável que estabelece. É um solitário, que, no final dos tempos, não pretende ficar sozinho nos infernos. Seu interlocutor é perspicaz ao notar “*Pelo que vejo, do que o senhor gosta mesmo é de conversar...*”. Sua força está na persuasão, daí declarar que a conversação “*É o melhor prazer da vida!*”.

Mas ele é fundamentalmente um solitário. Não é a solidão do homem moderno, daquele que, embora cercado por milhões, continua um solitário, como a personagem de *O homem da multidão* de Poe. Sua solidão é mais profunda, é metafísica. Ele é um estranho entre estranhos.

Ele vive com uma mulher, mas não a vê como uma companheira. Não espera nada dela. Não resta dúvida de que ele possui uma atitude estoica, quando busca bastar-se a si mesmo. Ele procura suprimir toda manifestação de sentimentos a sua volta, quer seja dele próprio, quer seja dos que lhe são próximos. A injustiça que diz ter sofrido do patrão não é suficiente para explicar esta atitude. Ele poderia ter-se transformado numa pessoa amargurada, ressentida, mas daí a se propor a ser o homem insensível, que abdica de seus sentimentos, é outra coisa.

Uma revelação importante é feita “*Minha mulher nunca espera por mim. Eu, sim, é que estou esperando por ela...É no tempo que eu a estou esperando*”. Eis uma declaração intrigante. O tempo é uma questão metafísica por excelência.

Nosso mendigo se refere ao tempo como se o tempo contasse para ele de uma forma diferente. Seu objetivo é terrível, envelhecer o espírito de sua jovem esposa “*Parei na velhice e estou esperando que ela envelheça, para sermos felizes*”.

Sua intenção é reveladora de seu caráter, um homem que se propõe a moldar criaturas que lhe sejam semelhantes no espírito. É um mentor terrível, pois voltado para deformar o espírito das pessoas a sua volta “*Tenho procurado convencê-la de que deve envelhecer com urgência, sugestionando-a, modificando-lhe a mentalidade*”. Considera que não é difícil conseguir este propósito “*É fácil envelhecer o espírito das mulheres. E, quando o espírito envelhece, não há mocidade que resista*”.

Não fica muito claro como isto é fácil, mas ele segue adiante, expondo seu método. É uma preciosidade literária o discurso deste ente que se julga senhor da psique humana. Ele revela-se todo numa frase impressionante “*Deformar o espírito é muito mais fácil. Basta a convivência com um espírito mais forte e já deformado...*”. A configuração da personagem está completa.



O quadro seguinte da peça é uma demonstração prática de seu método. Quando indagado se teme que sua mulher o traia, ele demonstra como é um experiente manipulador de pessoas, declarando que nunca vigia sua mulher, ao contrário, deixa-a satisfazer todos os seus desejos e fantasias, porque a ação contrária é que verdadeiramente as atira nos braços do Ricardão “*A mulher é sempre vítima da curiosidade... Afastá-la dos homens é aproximá-la ainda mais*”. Uma ideia que é também defendida por Nelson Rodrigues, que na peça Mulher sem pecado analisa esta situação. É possível que Nelson tenha tirado desta cena de Deus Ihe pague o tema para a sua peça.

Mas vejamos como o nosso Mefisto manipula com a esposa, agindo exatamente ao contrário da personagem de Nelson Rodrigues, que, por tanto duvidar da esposa, acaba por ser traído por ela. O mendigo Mefisto de Joracy Camargo é mais astucioso.

Quando a cena se abre, aparecerá a principal vítima do mendigo Mefisto, que é a sua mulher Nancy. A presença do mendigo Mefisto, como se observará, é onipresente. Toda a história o tem, ou como narrador, ou ele está presente nos diálogos das outras personagens.

Nancy surge em cena com o seu amante Péricles. Ela se lamenta de que “*Sai com você a mocidade e chega daqui a pouco, com “ele”... (desanimada) --- a velhice...*”. Um sinal de que o domínio maléfico do mendigo Mefisto ainda não era completo. O casal discute a relação e Péricles insiste para que ela abandone o velho por ele “*Mas entristece-me a certeza de que você gosta tanto de um velho, que poderia ser meu avô!*”. A resposta de Nancy é bem significativa “*Não é do velho que eu gosto... É de mim mesma... E foi ele quem me convenceu disso...*”. Sua relação com o velho não envolve nenhum sentimento de amor, mas sim de interesse.

É curioso que a crítica não tenha percebido o caráter metafísico da peça, a presença do mal e seu exercício desagregador, ignorando o absoluto egotismo da personagem principal, que nunca estabelece uma relação afetiva com seus interlocutores, mas sim um domínio espiritual maléfico, explorando em seus discípulos o que eles têm de pior.

Nancy conclui o raciocínio “*Só é feliz aquela que ama a si mesma!*”. O mendigo nem sequer busca o amor da mulher, o que ele quer é admiração, fidelidade intelectual, não fidelidade conjugal, que é a obsessão das personagens de Nelson Rodrigues. Quando Nancy demonstra afeição por ele, sua reação não é humana “*Quando me entereço e peço-lhe que me beije, ele me aconselha a beijar-me a mim mesma, nos braços...*”. A frase seguinte demonstra que a relação dos dois não envolve nenhum laço físico, pois quando Péricles a critica pelo fato de viver com um velho perverso, ela responde “*Não. Vivo na casa de um velho... Não é a mesma coisa...*”. Ela tem razão, o mendigo Mefisto não tem necessidade de sua afeição, ele precisa é de fiéis servidores.

O que o motiva é a manipulação psicológica das pessoas, o domínio da mente. Pouco lhe importa que a mulher tenha casos extraconjugais. É-lhe indiferente. O que jamais admitiria é que o poder de atração de outro homem conquistasse o coração e a mente de sua mulher. O domínio da paixão, como se sabe, é absoluto, exclusivista, excludente.

O que irá se estabelecer entre estes dois homens, Péricles e mendigo, é um embate pelo domínio da alma desta mulher, em que um exercitará o domínio pela sedução, pela paixão, usando de sua beleza física; enquanto o outro, desprovido de atração física, exercitará um domínio intelectual, um fascínio pessoal e, em parte, material, pois é rico.

Mas a tarefa de Péricles é difícil, pois chega para a disputa com um adversário que lhe é muito superior em astúcia. O mendigo Mefisto já conquistou a alma da mulher e, agora, ele está apenas testando este domínio. Nancy demonstra em seu discurso que a lavagem cerebral foi eficiente *“Eu serei sincera se disser a você que não gosto de ninguém. Amo a vida. Amar a vida é vivê-la bem. Em quatro palavras, Péricles: você não tem dinheiro!”*.

Ela se revela uma discípula digna do seu mentor. Não tem o mínimo pejo de confessar o que lhe vai pela alma. Não tem obrigações para com ninguém, é livre, ou pensa que é. A sombra de seu mentor é grande sobre seu espírito. Ela pensa que pode decidir sobre a própria vida, quando já entregou sua alma ao demônio.

A disputa se torna interessante quando o mendigo Mefisto entra em casa e encontra sua mulher a conversar com um homem, em plena madrugada. Sua fleuma é acentuada pelo autor da peça na marcação de cena *“(Vem elegantemente vestido e é leve, como um jovem de 30 anos; não se espanta, não se assusta e nunca perde a linha.)”*. Isto ocorre porque ele está jogando. Ele joga o tempo todo, manipulando com as pessoas, observando o efeito de sua ação perniciosas.

Por que ele ficaria nervoso, apreensivo ou agressivo, se não tem sentimentos por ninguém, como reconhece a própria Nancy *“Você não é amigo de ninguém...”*? O que ele rebate *“Sou amigo da multidão.... e a multidão é tudo!”*. Quando a mulher reage, pois se considerada sua amada, ele é rápido em consertar o lapso *“E de você...No mundo, só há você...”*. Mefisto cria na vítima a ilusão de ser adorada, quando o seu único objetivo é a conquista de sua alma *“Ninguém mais existe... longe ou perto de nós...”*. Qual é o discípulo que não se sente honrado quando o mestre o reconhece como um igual?

O diálogo com Péricles é feito não de modo a conquistar seu oponente, mas para criar uma confusão em seu espírito. O mendigo Mefisto age como um sofista, usando de sofismas para perturbar o raciocínio do interlocutor. Manipula habilmente com os argumentos, aproveitando-se do



nervosismo de Péricles, para fazê-lo crer que seja o próprio estadista grego. Mas é o máximo que chega.

Ele não quer assustar seu instrumento de teste. Ele precisa de Péricles para testar seu domínio sobre a mulher, a única coisa que lhe interessa no momento. Há um momento do diálogo que ele revela ao seu oponente o que pensa sobre ele “*Ser moço é ser forte, e eu sou mais forte do que o senhor*”. Todo o seu diálogo com Péricles é no sentido de demonstrar esta superioridade. Não há nenhuma condescendência para com o adversário.

Quando volta a se referir as suas ideias socialistas, constata-se que são apenas palavras ao vento, mero jogo de palavras, mais para impressionar do que para convencer. Como o discurso socialista deste homem pode ser levado a sério, quando ele exalta o individualismo, o bastar-se a si mesmo, o desfrute da riqueza, ideias que sua mulher defende muito bem?

Sua única preocupação é com o jogo, com a manipulação das pessoas, e, neste momento, ele está participando de uma jogada decisiva, onde derrotará a juventude representada por Péricles, em seu próprio terreno, a conquista da fêmea.

A oportunidade surge quando Péricles pede um empréstimo vultoso de cem contos para cobrir um desfalque que teria feito no banco onde trabalhava. O dinheiro, no entanto, é o que julga necessário para fugir com Nancy.

O mendigo Mefisto imediatamente concorda em conseguir-lhe o dinheiro, porque isto faz parte do seu jogo. Que suprema ironia seria esta situação, caso ocorresse numa peça de Nelson Rodrigues, onde o marido, além de traído, arruma dinheiro para que o amante fuja com a esposa!

Nenhum homem normal agiria desta forma, a menos que quisesse se livrar da mulher. Mas não é este o caso aqui. Nosso mendigo Mefisto não está pretendendo se livrar da mulher, mas sim disputá-la. Ele não quer que a mulher seja sua apenas por interesse. Sua obra seria incompleta, uma decepção, algo que qualquer burguês da vida pode conseguir. Ele quer uma conquista absoluta, além dos interesses econômicos, uma conquista da alma.

Daí porque ele concede ao seu oponente a riqueza que ainda lhe falta, para que a disputa se realize com os oponentes em igualdade de forças. Agora Péricles possui a beleza, a juventude e o dinheiro, tudo que necessita para se tornar um partido atraente para Nancy.

No entanto, ele perde. Seu oponente revelou-se um profundo conhecedor da alma de sua mulher. Como ele revela ao seu colega de porta de igreja “*A felicidade dela está comigo*”. Ele preparou a mulher para ser dele, conquistou sua alma, e com uma última cartada de mestre, passando por generoso, concede-lhe todas as condições para que fuja com o jovem, e, no entanto, ela se volta

para seu mentor, porque não consegue mais viver sem este espírito fascinante que é Mefisto. O mesmo fascínio que perdeu Fausto.

O mendigo Mefisto ao conversar com Nancy, antes do desfecho do caso, diz uma frase enigmática, como se fosse possuidor de um saber que está além da percepção humana *“Nancy, na minha vida só há lugar para uma mentira, a grande mentira que é a verdade da vida e que nunca te revelarei. Tua felicidade há de ser perfeita”*. Esta verdade só pode ser a configuração terrível de sua personalidade.

Existem momentos, no entanto, em que Nancy suspeita de que o seu mentor é algo mais do que diz ser *“Quem é você? De onde veio?”*. Quando ele responde evasivamente, ela comenta *“Quisera que você fosse como os outros e que falasse como os outros, sem mistérios”*. Sua personalidade e poder são revelados em doses homeopáticas, mas a mulher não compreende *“Hei de conservar a sua felicidade enquanto gostar de você”*. Ele é o senhor, ele controla tudo, até mesmo a felicidade da mulher. É ao procurar explicar o que a mantém presa a ele que mais se aproxima da revelação *“Se eu perguntar o que você sente por mim, você não responderá. Não é amor. Nem medo. É uma curiosidade inexplicável, que os outros chamariam de sugestão. Uma mulher de estalagem diria que tenho parte com o Diabo...”*.

Na sua última conversa com o amante, Nancy revela que não consegue se libertar do fascínio exercido pelo mendigo *“Só sei refletir com a figura deste velho a orientar-me o pensamento”*. O mendigo Mefisto sabe disso também e tranquilamente espera que ela o procure na porta da igreja. Até mesmo a revelação que fez a ela de sua condição de mendigo tinha um propósito e fazia parte de seu jogo *“Para que fosse bem maior o contraste entre mim e o outro. E por vingança também. Para uma mulher, vaidosa como todas as mulheres, deve ser doloroso ter vivido com um mendigo. Tornei-a feliz, tanto quanto pude. E, agora, fiz-lhe nascer um verdadeiro horror pela felicidade!”*.

Quando o outro mendigo questiona a eficácia de seus objetivos, o mendigo Mefisto rebate *“Para viver, há de reconciliar-se com tudo isso, e essa reconciliação será impossível sem a minha assistência”*. Ele mantém um controle absoluto da situação, com uma certeza que extrapola o humano.

A última cena é de uma ironia impecável. Como é seu colega que leva a mulher até os seus braços, cumprindo devidamente com sua obrigação de servo fiel, ele agradece *“Deus lhe pague... Barata.”*. Sim, porque Mefisto não paga nada a ninguém, ele apenas suga as pessoas, até a alma.

A peça **Deus lhe Pague** pertence à tradição mefistofélica que tem como seus principais representantes o Fausto de Marlowe e o Fausto de Goethe. O mendigo Mefisto de Joracy Camargo é

uma personagem que honra esta tradição. Sua configuração possui todas as características deste tipo de demônio, que é “*sarcástico, pérfido, infernal*”.

O mendigo Mefisto cria em suas vítimas a ilusão de que estão comandando suas vidas, como ocorre com Nancy, quando quem está no controle é ele. Sua declaração ao colega de profissão de que exige de seus discípulos obediência cega é uma demonstração de que é o único senhor de seu reino. Ele opera uma lavagem cerebral naqueles que caem sob o seu domínio. O que exerce é um domínio psicológico, que é o único que lhe interessa, alienando as pessoas.

Jamais usa do terror, quer a aquiescência da vítima. Um domínio pelo terror, ou pela força, seria um atenuante para a vítima e ele próprio se sentiria decepcionado. Na medida em que a vítima sucumbe ao fascínio do seu mentor, a entrega é da alma.

Outra característica é a de que joga o tempo todo. É como se estivesse testando o seu poder de persuasão. Age como o gato que brinca com o rato antes de matá-lo. Ele manipula com os desejos, anseios e ambições humanas com uma eficiência que somente um profundo conhecedor da alma humana poderia operar.

É desprovido de sentimentos e deseja que suas vítimas percam esta característica também. Ele só admite como seus aqueles a quem dominou o espírito, tornando-os semelhantes a ele próprio.

Seu desejo de destruição da beleza também está consoante com a configuração do demônio, figura ligada ao feio, ao horrível, a escuridão, as trevas.

## **BIBLIOGRAFIA**

CAMARGO, Joracy. Deus lhe Pague. Ediouro, Rio de Janeiro, 8º edição, 1998.

GOETHE, J. W. Fausto. Editora Três, São Paulo, 1974.

LAROUSSE CULTURAL. Mefistófeles. Nova Cultural, São Paulo, 1998.